



ENTREVISTA – PROF. DR. ELIAS THOMÉ SALIBA

ENTREVISTA REALIZADA POR E-MAIL

06 DE JUNHO DE 2018

“O humor não é um estado de espírito, mas uma visão de mundo”. A frase de Wittgenstein que abre o mais conhecido livro de nosso entrevistado lhe arrancou boas gargalhadas quando a viu atribuída a si mesmo na internet e nas redes sociais. Comum em nossos tempos digitais, talvez a risível confusão tenha alguma pertinência quando atribui a Elias Thomé Saliba (1952-) uma questão implícita no aforismo do filósofo austríaco: abordar historicamente aquela visão de mundo característica das representações humorísticas, situar no tempo e no espaço seus códigos e linguagens, suas relações com outros domínios da cultura e seu papel nos grupos e sociedades humanas, em especial a brasileira. Um dos principais historiadores dedicados a essa tarefa no país, Elias Thomé Saliba é professor titular de Teoria da História na Faculdade de História da Universidade de São Paulo (USP), onde também se licenciou (1976), defendeu doutorado (1982) e livre-docência (2000). Membro da Associação Internacional de Historiadores do Humor e líder do único grupo de pesquisa sobre humor na área de História, “A polifonia da produção humorística brasileira”, de sua produção no campo humorístico podemos destacar o capítulo “A Dimensão Cômica da Vida Privada na República”, que integra o terceiro volume da *História da Vida Privada no Brasil* (1998); o livro *Raízes do Riso* (2002), oriundo da sua livre-docência; o recente livro *Crocodilos, Satíricos e Humoristas Involuntários* (2018); e o artigo teórico-metodológico “História Cultural do Humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas” (2017). Sua trajetória, preocupações e temas que permeiam essa produção podem ser conferidos na entrevista abaixo:

COMO SURTIU SEU INTERESSE PELO ESTUDO ACADÊMICO DO HUMOR? CONTE SUA TRAJETÓRIA DE PESQUISA NO TEMA, OS RECORTES PREFERENCIAIS E QUESTÕES QUE O INSTIGAM.

Realizando pesquisas, há muitos anos – começamos no ano de 1977 - na área de História do Brasil no começo da Primeira República, chamou-nos a atenção a quantidade da produção cômica brasileira, muito superior a de outros países neste período conhecido como *Belle Époque*. Daí meu esforço por tentar entender como nasceu a linguagem humorística brasileira. A *Belle Époque* foi a época que viu nascer o jornalismo moderno. Foi neste período que, no Brasil, surgiram as revistas semanais ilustradas, que continham seções fixas de humor e de caricaturas e, ainda, de publicidade. Este último aspecto também foi importante pois a grande maioria dos humoristas brasileiros criou anúncios publicitários. Em termos mundiais, a *Belle Époque* foi uma espécie de resumo do que seria o século 20, com todas as benesses da Revolução Tecnológica mas também com todas as tristes perversidades, anunciadas pela Guerra de 1914. A abertura proporcionada pela imprensa moderna, juntamente com uma crise de valores culturais, no plano mundial – e, no caso brasileiro, as expectativas geradas pelo advento da República – é que possibilitaram a criação de uma peculiar linguagem humorística brasileira.

Por outro lado, a escolha do campo temático do humor possibilitou-nos atenuar e relativizar a sólida formação em história social, que marcou toda a nossa geração. A intrínseca vocação do humor para quebrar os férreos determinismos intelectuais proporcionou aberturas férteis para a pesquisa. Rejeitando aquela concepção tradicional de História, que a concebia como fluxo evolutivo, genético ou finalista, nosso esforço era o de olhar a realidade com desprendimento, considerando toda singularidade histórica como objeto de conhecimento de igual relevância. Acho que é um antigo provérbio judaico, que dizia: “meia piada equivale a uma verdade inteira”.

“O humor não é um estado de espírito, mas uma visão de mundo” (Esta frase do Wittgenstein, que serve de epígrafe ao meu livro *Raízes do Riso*, se espalhou tanto na internet e no redemoinho das redes sociais, que noutro dia li em vários blogs esta mesma frase atribuída a mim.... Ri muito, deste estapafúrdio milagre da multiplicação de pães que é a web!)

Mas, enfim, o humor é uma visão de mundo porque, como disse Milan Kundera, ele revela o entusiasmo pela relatividade das coisas humanas. O humor é aquele prazer estranho derivado da certeza de que não há certezas. Mas, seguindo nossa bem brasileira “incapacidade criativa de copiar”, recorro à definição do nosso clássico Millôr Fernandes, que dizia, em 1945: “O humorismo é uma visão total do mundo, pode

ser exercido em tudo, a todas as horas, de todas as formas, na política, na religião e até no crime. Se tiver que matar alguém, faça-o com espírito. E em algum lugar, em algum tempo, aqui ou no além, você será absolvido por alguém”.

COMO VOCÊ SE RELACIONA COM A MULTIPLICIDADE TEÓRICA NOS ESTUDOS HUMORÍSTICOS? HÁ ALGUMA TEORIA DO HUMOR OU TEÓRICO PREDOMINANTE QUE NORTEIE SUAS PESQUISAS?

Minha relação com as chamadas teorias do humor é a mesma que apendi a manter, de maneira geral, em relação às teorias. Todas elas tendem a obscurecer o tema ou o recorte escolhido, pois o campo da produção e da difusão do humor é vastíssimo e variado, abrangendo um espectro tão amplo de configuração e de linguagens, impossíveis de serem compreendidos de forma apriorística. Já se produziu uma verdadeira biblioteca, com centenas de volumes, que nos legaram as mais variadas definições sobre o humor e o riso (daquelas que a vida inteira de um estudioso jamais esgotaria) e que nunca lograram sequer a esboçar uma categoria ou, ao menos, um princípio unificante para as formas cômicas e humorísticas. Mais do que noutras áreas temáticas, muitos estudiosos já reconheceram a singularidade das produções teóricas sobre o riso e o humor: cada autor parece começar sua reflexão do zero, supondo-a sempre original, ignorando em grande parte as tentativas anteriores de definição. É o que constata, por exemplo, a pesquisadora brasileira Verena Alberti, em estudo pioneiro sobre o tema das concepções do humor.

Daí decorre algo muito singular: as próprias concepções de humor de uma determinada época servem de filtros para os intérpretes ensaiarem a definição do oxigênio mental da mesma época. Nós mesmos, de forma oblíqua, nos utilizamos destes filtros, em alguns trabalhos. No meu estudo mais antigo, sobre a dimensão cômica da vida privada na 1ª. República Brasileira, as concepções de Henri Bergson- talvez uma das teorias mais conhecidas, mais citadas e pouco compreendidas - notadamente aquela referente ao riso resultante da projeção do mecânico sobre o vivo, serviram de eixo para o diálogo com as fontes. Mas, notem bem: no final deste trabalho, apresento interpretações, hauridas das fontes ali analisadas, que contrariam e, em parte, criticam as concepções de Bergson: elas nos permitem entender configurações humorísticas como a paródia – e, mais ainda, a paródia à maneira brasileira. Já em trabalho posterior, como *Raízes do Riso*, as três concepções típicas da Belle Époque(Bergson, Freud e

Pirandello) transformam-se, elas mesmas, em fontes para entender as representações humorísticas daquela época. (Não apenas uma, em especial, mas as três, em todas as suas virtualidades). Ficaria muito extenso citar outros exemplos, mas aqui estaríamos próximos de um uma saudável subjetividade epistemológica, combinada com uma rigorosa objetividade metodológica. Estudar qualquer tema em história cultural – e não apenas o humor – consiste sempre num esforço para, como dizia Dilthey, “desocultar o universal a partir do estudo de pormenores ocultos”.

QUAL O PAPEL DO HUMOR NA SOCIEDADE BRASILEIRA (ELIAS) / PORTUGUESA (JOÃO LUÍS)?

Talvez seja esta questão geral que serviu (e ainda serve) de guia inquietante para todas as nossas pesquisas. Nos meus trabalhos procurei mostrar que o humor não produz identidade, pelo contrário, ele questiona, pela sátira, ironia ou paródia, as falsas identidades, que sempre estiveram comprometidas com o poder. Por que representar o país, os brasileiros, a sociedade e a história na forma efêmera e passageira de uma piada? Uma resposta já se mostrava no quadro geral da história do país: porque que a história brasileira não cria e não criou nenhuma identidade autêntica e duradoura, ela apenas ajudou a segregar, a isolar a maior parte da população – não criou espaços públicos - tudo isto se acentuou na Belle Époque brasileira, com a Abolição e a República.

Em muitos casos, o riso brasileiro nasceu assim, como que para compensar um déficit emocional em relação aos sentidos da história brasileira; ela misturou-se à vida cotidiana, daí a sua constante remissão à ética individual. Entre a dimensão formal e pública e o universo tácito da convivência personalista é que se construiu uma fragmentada representação cômica do país, dando ao brasileiro, naqueles efêmeros momentos de riso, a sensação de pertencimento que a esfera política lhe subtraía. O livro *Raízes do Riso* é sobre isto é o título foi colocado de propósito. Com um inspiração oblíqua no clássico *Raízes do Brasil*, *Raízes do Riso* sugere, numa interpretação mais libertária da obra de Sérgio Buarque de Holanda, que as raízes históricas devem ser bem conhecidas para serem melhor extirpadas, já que a representação humorística do mundo, implícita na cultura brasileira, é uma invenção histórica e, tal como a vida, ela pode ser modificada, reinventada, transformada.

O QUE VOCÊ PENSA SOBRE O TEMA DOS LIMITES DO HUMOR?

Do ângulo da história, os limites do humor seriam mais ou menos traçados pela capacidade que as sociedades democráticas possuem, de forjarem os seus próprios sistemas de valores. E a questão que se levanta para nossa primeira reflexão é: Quais os limites éticos, além dos quais o riso não seria mais possível? Como estabelecer tais limites numa época de incertezas, na qual assistimos ao rompimento das crenças estáveis, dos sistemas simbólicos e das linguagens públicas – inclusive a distinção entre o “bom” e o “mau” riso? Em geral, a sociedade sabe quais são esses limites. Hoje, no entanto, nós não temos um sistema de valores, com um mínimo de consenso, que todo mundo reconhece. Nós vivemos em uma época de distopias ou de utopia negativa. Sabemos o que nós não queremos. Não à violência, não ao racismo, não à exploração das mulheres, não à vitimização dos gays, enfim, mas o que virá depois disso a gente não sabe. Então é uma época que perdeu um pouco o rumo dos seus próprios valores. E aí começa a ser uma coisa policialesca aqui e acolá, pontual e nervosa. Eu acho que o humor não deve ter muitos limites. É claro que eles existem. Não dá para você fazer piada negando o Holocausto, não é? Mas dá para fazer uma piada colocando ditadores sentados e depois puxando a cadeira deles. Essa é a função do humor. E a forma superior de humor, a mais sublime, é aquela que ri de si próprio.

COMO VOCÊ VÊ A PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DO HUMOR APÓS O ADVENTO DA INTERNET, REDES SOCIAIS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO DIGITAL?

É difícil avaliar. Hoje o humor – aliás, como quaisquer outros tipos de informações virtuais – alcança uma divulgação instantânea, abrangente e viral em centenas de sites, blogs, twitters, redes sociais etc. – numa frenética voragem, transformando-nos, a todos, também em comediantes ou produtores de humor. Por outro lado, a banalização do humor para as mais variadas esferas da vida cotidiana – dos anúncios publicitários ao telejornais, estes últimos dominados pelo *infotainment* – também vem embaralhando nossa compreensão do amplo universo da comicidade, do seu alcance e dos seus limites.

Até que ponto nossas sociedades, impactadas com este fenômeno da hipermediatização, mostram-se ainda capazes de perceber as modalidades mais sofisticadas de humor, tais como, a ironia, a alusão indireta, a autoderrisão ou o

estranhamento – que exigem um contexto de duração e lentidão intrínsecas, quase sempre incompatíveis com a velocidade e a voragem do cômico produzido ou difundido pela internet?

A questão que examinamos aqui talvez seja um tanto impertinente, mas, será que esta indústria cultural humorística, hipermediatizada, cada vez mais embriagada pela cultura digital e instantânea, não afetou nossa capacidade de compreender o humor, começando por aquela distinção tão trivial entre o risível e o não-risível?

Difícil responder a tudo isto, mas, assistindo aos insuportáveis e grosseiros duelos verbais nas redes sociais e nesta atmosfera insuportável de compartilhamento compulsivo e imediato de tudo quanto é informação, tenho medo de que o humor autêntico esteja em desaparecimento. Seria interessante reler, neste caso, as reflexões de Gilles Lipovetsky, em *A Era do Vazio*. – um livro que ficou um tanto antigo, em face da voragem da cultura digital, mas, ainda assim, presciente. Assim como o narcisismo e o hedonismo levaram a um enfraquecimento da vontade e do sentido da vida, nossas sociedades ficaram supersaturadas de sinais humorísticos, atrofiando nossa capacidade de rir. A faculdade de rir regride e “um certo sorriso” substitui a risada solta. Recolhidas dentro de si mesmas, as criaturas contemporâneas têm cada vez mais dificuldades em “cair na gargalhada”, em saírem de si mesmas, sentir entusiasmo por algo, entregar-se à alegria. Na sociedade humorística o riso se trivializa, torna-se *cool*, apático, vazio do sentimento do existir e trivializa-se. Paradoxalmente, é nesta “sociedade humorística” que se inicia uma fase de liquidação do riso.

“Uma parte do mundo troça da outra e uma e outra riem-se da sua loucura comum”, vaticinou Baltazar Gracián, lá do longínquo século XVII. A acreditarmos nele, estaríamos vivenciando, mais uma vez, os últimos vestígios de alguma vida civilizada.